

BRASIL: POTÊNCIA ALIMENTAR¹

Milton Thiago de Mello²

Esta é uma mensagem de otimismo para a Profissão Veterinária brasileira como parte fundamental da saúde pública e do agronegócio.

O Brasil, com justos motivos, é uma Potência Alimentar. Esse é o tema de livro organizado pela Academia Brasileira de Medicina Veterinária e a Sociedade Nacional de Agricultura lançado no 41º Congresso Brasileiro de Medicina Veterinária (Gramado-RS 7 a 10 Agosto 2014). A SNA promove anualmente um importante congresso sobre agronegócio. O último, em novembro de 2013, teve como tema Alimento.

Há vários anos o país é um dos maiores produtores/exportadores de alimentos. Em destaque os de origem animal e o importantíssimo papel do veterinário.

Muitos obstáculos, entretanto impedem maior e melhor desempenho da agropecuária brasileira: corrupção em esferas governamentais ou não; falta de mão de obra qualificada em vários níveis; burocracia exagerada; infraestrutura deficiente. Mesmo assim o país continua a bater recordes de produção e produtividade. As barreiras interpostas (tarifária, sanitária, bem-estar, rastreabilidade) são removidas dando confiança aos mercados importadores. Em alguns casos até mesmo países do BRICS, necessitando de nossos produtos, como China e Rússia participam da melhoria de infraestrutura (portos, estradas, ferrovias).

A importância dos alimentos para o mundo atual é parte de quatro necessidades básicas da humanidade: alimento, energia, habitação e matéria prima. A exigência torna-se aguda no momento, quanto à quantidade e à qualidade dos alimentos porque a população humana continua crescendo explosivamente, sobretudo nos países em desenvolvimento, inclusive no Brasil. Neste caso, um bom exemplo é

1. Gramado/RS

2.

Palestra proferida no 42º CONBRAVET – agosto de 2014 –

Presidente da Academia Brasileira de Medicina Veterinária

Brasília: de praticamente zero para mais de 2 milhões de habitantes em 50 anos. E a conseqüente ocupação também explosiva do Centro-Oeste com o agronegócio. A perspectiva é de aumento da população mundial em mais 2 bilhões de habitantes dentro de 40 anos. E todos têm que comer.

A solução para diminuir a explosão demográfica, mas nem sempre mencionada, é a planificação familiar em massa. Isto envolverá o uso generalizado de anticoncepcionais e, até mesmo aborto, em certas circunstâncias. Entretanto o assunto é submetido a pressões políticas, religiosas e ideológicas tornando-se quase tabu.

De qualquer modo a pirâmide populacional começa a modificar-se nos países mais desenvolvidos e até no Brasil. Essa tendência poderá constituir um novo problema demográfico: o aumento de idosos no mundo inteiro. Antes, mais jovens e poucos idosos; no futuro, mais idosos e menos jovens.

Até chegar ao estado de Potência Alimentar o Brasil levou cinco séculos. Desde o descobrimento, quando Pero Vaz de Caminha escreveu: “em se plantando tudo dá”. Mas tem que plantar...

Para isso foram sendo ocupados sucessivamente diversos biomas para produção de alimentos.

Inicialmente a Mata Atlântica (vegetais) e o Pampa Gaúcho (gado). Posteriormente, pouco a pouco, parte do Cerrado junto à Mata Atlântica no Sudeste. Mais recentemente para o Centro-Oeste e Sul da Amazônia.

E o futuro? Provavelmente outras partes da Amazônia, além do “Arco de Desmatamento”. Também o Pantanal e até mesmo a Caatinga, uma vez corrigida sua suposta infertilidade, como está ocorrendo em pleno sertão de Pernambuco, perto de Petrolina. Imensos cultivos de frutíferas inclusive uvas para consumo e produção de vinho. No caso, o principal fator limitante era a água o que foi contornado com as águas do Rio São Francisco.

No caso do Cerrado a ocupação de seus 2 milhões de km² foi efetuada a partir do Sudeste para o Centro-Oeste. Agora investiu para o Norte, na fronteira quádrupla Maranhão, Piauí, Tocantins e Bahia (MaPiToBa), o novo Eldorado agropecuário. Praticamente todo o Cerrado está sendo ocupado pela agropecuária principalmente no Centro-Oeste. O grande fator para essa verdadeira marcha para o Oeste foi a construção de Brasília, em plena Cerrado.

A ocupação dos biomas seguiu uma evolução natural. Os indígenas colhedores, caçadores e pescadores da época do descobrimento obtinham tudo ao alcance da mão como seus antepassados de milênios das cavernas ou por meio de técnicas e utensílios rudimentares: enxadas e pás de madeira, armadilhas, flechas, tacapes, lanças e zagaias. Com o aumento das populações indígenas, exauridas as terras ou diminuídos os peixes e caças, mudavam-se para outros locais. Daí o nomadismo e necessidade de grandes extensões de terra. Isto não ocorre atualmente, na maioria dos casos.

Com o descobrimento, novos cultivos e criação com tecnologia européia permitiram fixação com a introdução de alimentos de outros continentes: gado, cana, café. Durante muitos anos as atividades dos colhedores, caçadores e pescadores, continuaram quase iguais agora com o nome de extrativismo. Contudo, este não é suficiente para alimentar a população urbana em crescente aumento. Daí a produção em larga escala comercial e tecnificada. No momento a maior parte dos alimentos produzidos no Brasil para uso interno ou exportação é obtida com tecnologia moderna importada ou em grande parte resultante de pesquisas locais realizadas no último meio século principalmente pela EMBRAPA.

Aspecto mais recente da produção em massa é a preocupação com o bem-estar animal como no caso dos bovinos (abate humanitário), suínos (celas de gestação) e frango (baterias).

Uma consequência da massificação da produção agropecuária tem sido a mudança de hábitos alimentares, ainda pelo fator econômico – o preço. A evolução ou a flutuação dos preços determina o consumo e a mudança. O preço para o consumidor é resultado do preço para obtenção do alimento.

Um bom exemplo é o da carne bovina. Para sua produção em larga escala (indispensável para suprir o aumento populacional) são efetuadas despesas de vários tipos. Uma delas é relativa à terra, cada vez mais cara. Outra é a ração para os animais, a qual é convertida no produto final. Essa taxa de conversão, varia conforme os animais produtores com a respectiva incidência nos preços. Para bovinos a taxa de conversão é 5%, suínos 15%, frango 25% e peixe 30%. Se os bovinos forem tirados do pasto para confinamento, pior ainda porque necessitam de ração (soja, milho). Por outro lado, os três primeiros são criados em superfície com determinado número por metro quadrado. Por isso a tendência alimentar no momento está concentrada no frango.

É claro que pelo menos no caso do Brasil, o futuro a curto prazo será a tendência para o consumo de peixes (produzidos em volume e não em superfície). Eles inevitavelmente substituirão as carnes de animais de sangue quente criados em superfície. Atualmente a carne de peixe ainda é cara por ser obtida em sua maior parte, no Brasil, quase artesanalmente (diria quase extrativamente) com anzol ou embarcações precárias e redes puxadas a braço.

Percebe-se que empresários da indústria de alimentos começam a por seus olhos e dinheiro nesse futuro mais que promissor corrigindo o absurdo de o país possuir a maior massa de água doce do mundo e uma costa atlântica de milhares de quilômetros e ser um dos menores produtores de pescado a nível mundial. A criação de peixes em massa (tilápia, tambaqui, pirarucu e outros) está começando e os preços do pescado diminuindo. Por exemplo, em Sorriso (Mato Grosso), uma

capital da soja esta começa a ser substituída pela criação de peixes em tanques. Os criadores dizem que “Ganha-se em 1 hectare de criação de peixe o mesmo que em 100 hectares de soja”.

Em resumo: o Brasil continuará como Potência Alimentar, com expansão mais lenta da fronteira agropecuária graças à melhora da produtividade e da qualidade dos alimentos, sob o amplo guarda-chuva da segurança alimentar. Para esse futuro promissor muito contribuirá o trabalho dos veterinários que terão em grande parte de reorientar suas atividades para satisfazer as exigências da sociedade e do rolo compressor do agronegócio brasileiro.

Termos antes desconhecidos ou pouco usados serão incorporados ao linguajar corrente: sustentabilidade, rastreabilidade, transversabilidade, bem-estar animal, informática, boas práticas, etc.

A segurança ou inocuidade dos alimentos terá a garantia do secular e eficiente Serviço de Inspeção Federal – SIF ou seus equivalentes estaduais e municipais. Mesmo que o nome seja mudado, a missão permanecerá.

Esse futuro otimista é baseado na aplicação generalizada do resultado de pesquisas e modernização de técnicas. Da inseminação artificial à clonagem. Melhores recursos preventivos, diagnósticos e terapêuticos no laboratório, no campo e na clínica. Uso extensivo de informática aplicada, com maior eficiência das ações, economia de tempo e limitação da burocracia. Maquinária moderna computadorizada. Agricultura de precisão. Aviões não tripulados (drones, vants), satélites e robôs. Irrigação automática e localizada. Mecanização multifuncional. Plantio direto. Criação de peixes em tanques flutuantes. E muitas outras modernidades e as que certamente serão descobertas que nos permitirão encarar o futuro com um sorriso como em Sorriso.